

# PERCEÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A INSERÇÃO DA CRIANÇA NO MUNDO DA ESCRITA

## PERCEPTION OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS ABOUT THE CHILD'S INTRODUCTION TO THE WRITING WORLD

Rosana Mara Koerner<sup>1</sup>

Marly Krüger de Pesce<sup>2</sup>

Leila Regina Leidens Arcari<sup>3</sup>

### RESUMO

Por meio de respostas a um questionário e a entrevistas recorrentes, professoras de uma rede pública de Educação de uma cidade de Santa Catarina, indicaram suas percepções acerca da inserção da criança no mundo da escrita. Foram 120 professores que responderam ao questionário, dos quais seis também concederam entrevista. Os dados foram analisados de acordo os pressupostos da Análise de Conteúdo. Os autores que dão sustentação teórica são Brandão e Leal (2018), Castro e Coelho (2009), Kleiman (2009), Kishimoto (2010) e Soares (2018). Os resultados indicam que as professoras percebem a necessidade do reconhecimento da função social da escrita por parte das crianças. Também o trabalho envolvendo os gêneros textuais ficou evidenciado. O letramento parece ser um fator norteador das atividades propostas, embora aspectos ligados ao sistema de escrita também tenham sido enunciados.

*Palavras-chave:* Professores de Educação Infantil. Atividades de leitura e de escrita. Letramento.

### ABSTRACT

Through answers to a questionnaire and recurring interviews, teachers from a public education network in a city in Santa Catarina, indicated their

1 Universidade da Região de Joinville. Joinville, SC, Brasil. Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. E-mail: rosanamarakoerner@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-6117-7537>

2 Universidade da Região de Joinville. Joinville, SC, Brasil. Doutora em Educação-PUC-SP. E-mail: marlykrugerdepesce@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-8195-7634>

3 Universidade da Região de Joinville. Joinville, SC, Brasil. Mestre em Educação pela UNIVILLE. e-mail: arcarileila@gmail.com - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7874399356287705> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0828-4592>

perceptions about the child's introduction to the writing world. Hundred and twenty teachers answered the questionnaire, and six of them also gave an interview. The data were analyzed according to the assumptions of the Content Analysis. The authors who provide theoretical support are Brandão and Leal (2018), Castro and Coelho (2009), Kleiman (2009), Kishimoto (2010) and Soares (2018). The results indicate that the teachers perceive that the children need to recognize the social function of writing. The work involving textual genres was also highlighted. Literacy seems to be a guiding factor in the activities that are proposed, although aspects related to the writing system have also been mentioned by the teachers.

**Keywords:** Early childhood education teachers. Reading and writing activities. Literacy.

## INTRODUÇÃO

No universo lúdico e provocativo da Educação Infantil, alarga-se, desde muito cedo, a possibilidade de despertar na criança a curiosidade e o interesse pelo mundo letrado. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) conjecturam práticas pedagógicas que possam garantir às crianças experiências, dentre as quais, o desenvolvimento da linguagem e a apropriação do universo letrado, que possibilitem “[...] às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos [...]” (BRASIL, 2010, p. 25)

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), no se refere à educação infantil, embora não mencione especificamente o letramento e a alfabetização, traz como um dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, que as crianças sejam incentivadas a “expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão” (BRASIL, 2017, p. 48).

As políticas públicas indicam a necessidade de proporcionar uma educação que contemple a questão do mundo da escrita. É no escopo das discussões sobre a inserção da criança da Educação Infantil neste mundo que se insere o estudo que aqui se apresenta. Com base no trabalho envolvendo leitura e escrita, aqui serão discutidas percepções de professores sobre a inserção da criança no mundo da escrita. Os dados foram obtidos por meio de questionários

e entrevistas feitas com professoras<sup>4</sup> que atuam com crianças de 5 anos até 5 anos, 11 meses e 29 dias e analisados de acordo com o que preconiza a Análise de Conteúdo. A questão que norteia a discussão dos dados aqui apresentados fica assim delineada: Quais as percepções de professores da Educação Infantil sobre a inserção da criança no mundo letrado, a partir do trabalho desenvolvido com a linguagem escrita? Para auxiliar nas discussões apoiamos-nos nos estudos de: Brandão e Leal (2018), Castro e Coelho (2009), Kleiman (2009), Kishimoto (2010) e Soares (2018).

O artigo inicia com algumas reflexões sobre a Educação Infantil e a escrita, seção na qual são apresentados os pressupostos teóricos que orientaram a análise, seguida da Metodologia, quando são apresentados os procedimentos de geração de dados, que são discutidos em seguida. Nas Considerações Finais são apresentadas as principais conclusões obtidas com o estudo e novos encaminhamentos de pesquisa.

### **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E A ESCRITA**

Nos espaços da Educação Infantil, as crianças brincam e representam as situações experimentadas no dia a dia, incluindo-se aquelas que envolvem a escrita. Alicerçadas pela ludicidade, desenvolvem ainda mais a sua curiosidade e o seu interesse em desvendar os mistérios e encantos da leitura e da escrita. Conforme a BNCC (2017, p. 50), na Educação Infantil a criança irá: "Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea." O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), em 1998, já apontava para a necessidade de as crianças participarem nas diversas práticas sociais, entre elas, aquelas que envolvem a escrita. Não há, pois, como lhes negar esse direito, já que "[...] as crianças podem aprender a interagir por meio da escrita, e podem participar de situações variadas em que adultos ou crianças mais experientes possibilitem o contato com textos que circulem socialmente" (BRANDÃO e LEAL, 2018, p. 21).

A Diretriz Municipal de Educação Infantil do Município pesquisado, lançada em 2019, ressalta em seu Campo de Experiência

4 A partir deste ponto usaremos sempre professoras de acordo com a indicação de sexo feminino feita no questionário.

'Escuta, fala, pensamento e imaginação', o contato e a imersão das crianças com a cultura escrita, as vivências em um ambiente letrado, e a elaboração de hipóteses sobre a leitura e a escrita, mas sem perder a centralidade no brincar e deixando claro que não almeja alfabetizar precocemente essas crianças. O município estudado menciona também, neste documento, que as práticas pedagógicas estarão ancoradas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009).

A criança, inserida na sociedade grafocêntrica, desde muito cedo, inicia seu contato com o mundo letrado. Para Kleiman (2009, p.3),

A criança que no lar é testemunha dos afazeres sustentados por práticas letradas dos adultos – como anotar recados, fazer contas, ler correspondências – está em processo de letramento, pois está compartilhando, de modo informal as funções dos textos que circulam situações cotidianas de seu grupo social [...].

Goulart (2006) revela que as crianças que participam costumeiramente com suas famílias de atividades de leitura e de escrita chegam à escola conhecendo várias funções sociais da língua escrita. Envolvidas nessas situações diárias com seus familiares ou mesmo com outros colegas, as crianças vão percebendo que para certas situações as pessoas utilizam a escrita e a leitura. Soares (1998) também evidencia que a criança que brinca de escrever, manuseia livros e faz de conta que lê; mesmo não sabendo ler ou escrever, já percebe a função da escrita e está inserida no universo letrado. As crianças vão despertando o interesse pela leitura e pela escrita a partir do contexto social e familiar; é nessas vivências, quando observam “[...] as informações que veem os adultos buscarem em rótulos, as histórias que lhes são lidas em um livro, em uma revista, os bilhetes que as pessoas escrevem ou leem [...]” (SOARES, 2018, p. 139), que o desejo de acesso ao mundo da escrita aflora.

Assim, é preciso considerar que a criança, ao ingressar na Educação Infantil, traz consigo várias experiências de contato com a linguagem no convívio com seus familiares em situações variadas e valorosas. São essas experiências que precisam ser aproveitadas com intensidade pelas professoras que recebem essas crianças na

Educação Infantil. Castro e Coelho (2010) reforçam a importância da educação infantil no desenvolvimento das crianças; destacam que nesta fase as crianças, a partir de brincadeiras, recebem informações sobre a escrita e manuseiam também todo tipo de material escrito o que as instiga a desvendar o mundo letrado. A curiosidade das crianças dá possibilidades de adentrarem no mundo da leitura e da escrita quando no espaço da sala manuseiam um livro e contam histórias para os colegas, quando brincam imitando a professora e escrevem à sua maneira, e quando representam os pais listando as compras para o mercado.

É a partir das vivências de seu entorno que a criança vai tendo contato com o mundo letrado; dessa forma, na Educação Infantil, “Letrar é entrar no mundo da criança e, junto com ela, aprender a leitura e a escrita que seu contexto oferece” (CASTRO e COELHO, 2010, p. 84); é propiciar experiências significativas que alavanquem o interesse das crianças na descoberta do universo letrado.

Nesse contexto, o ‘fazer’ dos professores da Educação Infantil (no presente caso, dos que atuam no Segundo Período), ganha significativa importância. O professor que atua na Educação Infantil, através de sua mediação, consegue ampliar possibilidades de vivências e experiências com as crianças, a fim de que percebam também suas potencialidades. Contudo, a Educação Infantil é atravessada pela incerteza de recuar ou avançar no universo da escrita. Soares (2018) defende que colocar em dúvida as oportunidades de a criança conviver com a linguagem escrita nos espaços da Educação Infantil é descartar que essa criança já chega a esses espaços tomada por experiências que traz consigo de outras vivências.

É fundamental considerar o repertório que a criança traz consigo ao ingressar nos espaços da Educação Infantil, considerar os seus conhecimentos espontâneos. Kishimoto (2010) afirma que geralmente os Centros de Educação Infantil e Escolas, ao receberem as crianças, têm a tendência de considerar que todas partiram do mesmo capital cultural<sup>5</sup>; mas, na realidade, o acesso a tais recursos não é o mesmo para todas as crianças, o que indica que a “[...] diversidade de realidades ou campo social de cada criança requer o aproveitamento do seu capital cultural e linguístico” (KISCHIMOTO, 2010, p. 26).

---

5 “Capital cultural: são os recursos para comunicar ideias, sentimentos, conhecimentos e opiniões” (conceito mencionado por Kishimoto, 2010, p. 26).

Tais mediações envolvem o planejamento de atividades que envolvam as crianças em atividades em torno da linguagem escrita. O RCNEI (BRASIL, 1998) focaliza a possibilidade de a criança conhecer, através da leitura, outras formas de vida e cultura de outros povos em tempos e locais diferentes. O contato com a leitura oportuniza às crianças transitarem em um mundo mágico onde a imaginação e a criatividade avultam a cada história quando conhecem vários personagens e criam saídas para a situação vivida por cada um deles, quando descrevem com detalhes o local onde a história acontece e, por vezes, quando incorporam e representam com muita intensidade esses personagens. Nos espaços da leitura, “[...] ao ouvirem histórias, as crianças são mobilizadas em vários aspectos, envolvendo seu corpo, suas ideias, sua linguagem, seus sentimentos, sua memória, sua imaginação” (BRANDÃO e ROSA, 2018, p.39).

As professoras não podem, nem devem esperar que as crianças fiquem ali paradas; devem sim, instigá-las na descoberta do mundo letrado e dos mais variados temas que ultrapassam o interior dos Centros de Educação Infantil. São crianças curiosas, prontas para desvelar o mundo. Kramer et al (2011, p.79) afirmam que é na educação infantil que se formam leitores: “É preciso que as crianças estabeleçam relações positivas com a linguagem, a leitura e a escrita, e que lhes seja produzido o desejo de aprender a ler e escrever.”

A criança expressa um interesse por determinados assuntos e esta é a oportunidade de trazer à tona conteúdos que envolvem a leitura e a escrita, questões que motivem a curiosidade dos pequenos e os lancem na busca dessas informações e soluções mediadas pela professora. O papel da professora é identificar os interesses das crianças e isso não é tarefa tão simples: “A dificuldade está em como determinar quais são esses interesses” (KLEIMAN, 2009, p.5); e, para tal, as professoras necessitam despender um olhar atento, envolvendo observação e planejamento para, através da mediação das intervenções pedagógicas, possibilitar a todas as crianças a inserção no universo da escrita. Universo da escrita está sendo aqui compreendido como a multiplicidade de formas que a escrita assume nas mais diversas esferas sociais, muito além do conjunto de símbolos, da relação que se estabelece entre as letras e os sons que elas representam, o que definiria, grosso modo, o que se tem compreendido como alfabetização. Ao focalizar as práticas sociais com a escrita, supõe-se um trabalho docente na perspectiva do letramento.

Compreender os conceitos de letramento e alfabetização possibilita às professoras da Educação Infantil a visão de que esses dois processos devem ser trabalhados de forma integrada: “[...] alfabetização e letramento, pelo desenvolvimento de habilidades nas práticas sociais que envolvem a língua escrita” (CASTRO e COELHO, 2010, p. 81). Quando a professora de Educação Infantil se apropria dos conceitos de letramento e de alfabetização, pode ressignificar as suas práticas e, partindo da elaboração de uma receita, por exemplo, da leitura de uma história ou poema, pode expandir o repertório das crianças e contribuir para a sua inserção no mundo da escrita, no mundo letrado, despertando sua curiosidade em relação às diferentes formas de circulação da escrita na sociedade, ou seja, os gêneros textuais. As crianças já convivem com a escrita desde muito cedo, e “[...] nessa convivência vão construindo sua alfabetização e letramento: seu conceito de língua escrita, das funções do ler e do escrever, seu conhecimento de letras e números, a diferenciação entre gêneros e portadores de textos [...]” (SOARES, 2018, p. 139).

Letramento e alfabetização estão entrelaçados: “[...] se se desenvolvem de forma dissociada ou se se desenvolve letramento e não se desenvolve alfabetização, ou vice-versa, a criança terá certamente uma visão parcial e, portanto, distorcida do mundo da escrita” (SOARES, 2018, p. 144). Alfabetizar não é atribuição da Educação Infantil, mas a aproximação com o universo da escrita, o trabalho na perspectiva do letramento, contribuirão para a familiarização das crianças com um conjunto de símbolos que, até então, poderiam lhes parecer estranhos e sem sentido. Seria aproximar as crianças de uma poderosa ferramenta de interação social, em torno da qual gravita a maioria das ações da sociedade grafocêntrica na qual vivemos. Seria desvelar o mundo letrado no qual a criança se encontra inevitavelmente inserida (HEINZ; KOERNER, 2013).

## METODOLOGIA

A pesquisa que constitui este artigo foi realizada em uma rede pública de Educação Infantil de uma cidade de Santa Catarina, ao longo de 2018 e 2019. As professoras participantes atuam com crianças das turmas de Segundo Período (crianças de 5 anos até 5 anos, 11 meses e 29 dias). Queremos aqui mencionar que um dos passos neste percurso foi a aprovação do projeto, mediante o Parecer de número 2.772.595 no Comitê de Ética em Pesquisa.

Trata-se de um estudo qualitativo, uma vez que pretende compreender processos vivenciados por um grupo social (professoras das turmas de Segundo Período), e perceber certas singularidades na fala dessas professoras: "A abordagem qualitativa defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas" (GATTI e ANDRÉ, 2011, p. 30). Neste universo, buscamos conhecer o contexto das professoras e descrever suas vivências, experiências e concepções que atravessam o trabalho docente na educação infantil no que se refere à promoção das atividades com a linguagem escrita.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas: através do envio de questionários, respondidos por 120 professoras e entrevista, realizada posteriormente com seis professoras, efetivas desta rede de ensino, que se dispuseram a participar. Para as entrevistas, utilizamos como critério de escolha três professoras com maior tempo de serviço e três professoras com menor tempo de serviço.

Para interpretar os dados produzidos, utilizamos o enfoque da Análise de Conteúdo, de Franco (2012), que considera imprescindível a contextualização das informações compartilhadas pelas professoras. Portanto, buscamos conhecer o contexto das professoras e descrever suas vivências, experiências e concepções que atravessam seu trabalho na Educação Infantil.

As professoras que responderam ao questionário são nomeadas pela letra P (Professora) e respectivos números (P1, P2, P3...); já as entrevistadas realizaram a escolha de um nome fictício para transitar entre a pesquisa, pseudônimo adotado na entrevista e nas referências ao questionário por elas respondido (Pauline, Luísa, Bianca, Cristina e Cissa).

As respostas para as indagações que permeiam as vivências das professoras de Segundo Período, que atuam nessa rede Municipal, as concepções que elas proferem sobre o letramento relacionadas às interações junto às crianças, dão a dimensão do quanto é necessário lapidar e desvendar as entrelinhas desse cenário para realmente compreender as práticas que realizam.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Os dados aqui apresentados serão analisados tendo em mente a questão norteadora: Quais as percepções de professoras da

Educação Infantil sobre a inserção da criança no mundo letrado, a partir do trabalho desenvolvido com a linguagem escrita? Tentamos depreender indícios, nas respostas dadas pelas participantes da pesquisa a diferentes indagações (especialmente quando indicam as atividades de leitura e escrita que desenvolvem com suas crianças e quando explicitam a sua compreensão acerca do letramento), que pudessem indicar suas percepções sobre a inserção da criança no mundo da escrita. Assim, dos dados puderam ser depreendidas as seguintes regularidades de análise, indicativas das diversas percepções das professoras: o reconhecimento da função social da escrita, a consideração do conhecimento prévio das crianças sobre a escrita, o trabalho com gêneros textuais, o contato com o sistema de escrita, as especificidades do trabalho na Educação Infantil e os desafios enfrentados na Educação Infantil em relação à introdução da criança no universo da escrita.

*O reconhecimento da função social da escrita se fez presente nos dados, tornando possível depreender a percepção das professoras de que o trabalho com a escrita realizado na Educação Infantil deve enfatizar a importância de a criança compreender onde, como e quando a escrita é utilizada. Para três professoras, com mais tempo de serviço na Educação Infantil (acima de 21 anos), a criança vai percebendo a função social por detrás da leitura e da escrita quando participa de ações inseridas no Centro de Educação Infantil ou em casa, no convívio com a família. Fragmentos dos dados evidenciam que há a percepção de que o letramento tem, necessariamente, um viés social, que ganha sentido na compreensão de que a leitura e a escrita têm uma função para além da escola. As respostas ao questionamento sobre o que é trabalhar na perspectiva do letramento evidenciam tal percepção:*

Trabalhar na perspectiva do letramento é inserir a leitura e a escrita em todos os momentos, em todas as oportunidades que forem surgindo, né; para a criança perceber a função e a importância no dia a dia. (Cissa) Ser "letrado" transcende a alfabetização, ou seja, saber ler e escrever. É compreender a função social da escrita, interpretar e entender o que está lendo. (P 77)

É colocar uma função social na leitura e na escrita, fazer a criança entender o porquê daquela leitura ou escrita, ou onde ela pode ser utilizada. (P 120)

---

6 Os excertos serão trazidos em itálico, com adentramento de 4 cm e em espaço simples.

Não há como ignorar certa simplificação nas referências aos usos da leitura e da escrita que aponta para um caráter um tanto utilitarista; contudo, os instrumentos de geração de dados não buscaram aprofundar a compreensão das professoras acerca de como essa *função social da escrita* se faz perceptível no cotidiano. De qualquer maneira, os dados indicam que as professoras da Educação Infantil da rede pesquisada assimilaram a ideia de que o caráter social da escrita pode ser um norteador das ações pedagógicas propostas. Isto fica evidenciado na fala de Pauline:

[...] porque a gente veio de uma educação que a gente só aprendia a escrever, só codificar as letras, e daí a gente teve que, né... teve que também procurar saber o que é o letramento, o que é a alfabetização. Então, assim, um não pode estar separado do outro, né? Às vezes pode ser que o letramento venha antes, às vezes pode ser que a alfabetização venha antes, mas os dois, né. Mas o importante é que hoje em dia, eu vejo que a gente já evoluiu bastante, assim... e a gente vê que os dois têm que andar juntos e têm que ser uma prática social, mesmo, da leitura e da escrita.

A professora Pauline, quando se refere ao letramento e à alfabetização, entende-os como processos “[...] interdependentes e indissociáveis [...]” (SOARES, 2018, p. 45), que *têm que andar juntos*. Pauline reconhece também ser oriunda de um modelo tradicional de alfabetização, e que teve que buscar informações para compreender como os dois processos ocorrem. Cabe ressaltar o emprego da palavra *evoluiu* que parece sugerir a percepção de que houve avanços no processo de inserção da criança no universo da escrita. A professora, contudo, toma o cuidado de fazer referência aos *dois* (alfabetização e letramento, sem nomeá-los), enfatizando que precisam caminhar *juntos*. E, ainda na mesma frase, usa o aditivo e para indicar que precisa ser uma *prática social*, reforçada pelo emprego do vocábulo *mesmo*. São palavras muito distintas daquelas empregadas ao se referir à forma como se dava o acesso à escrita em tempos idos: a palavra *só*, usada duas vezes logo no início do excerto, reforça a percepção de que este acesso era muito restrito.

Na esteira desta ênfase no aspecto social que pode ser conferido à inserção da criança no mundo da escrita (ao letramento),

algumas professoras não ignoram que ela acontece fora do espaço escolar, antes mesmo de a criança ingressar na Educação Infantil, indicando a percepção de que a criança já tem *conhecimentos prévios* em relação à escrita.

Algumas relatam no questionário que, no trabalho que realizam, sempre buscam considerar o interesse da criança, ritmos empregados e as informações e conhecimentos que a criança traz consigo ao ingressar na Educação Infantil:

Sempre procuro trabalhar levando em conta o que a criança já traz de repertório. Priorizo o que é significativo para os pequenos e tudo é leitura. Desde contos, os poemas, as histórias, os bilhetes, os textos coletivos, os informes como revistas jornais, folders, e tudo o que temos em sala, construímos juntos. (P 86)

Ao afirmar que *leva em conta o que a criança já traz de repertório*, a professora indica que a criança está imersa em um ambiente com múltiplos artefatos escritos, acreditando que eles não passam despercebidos, afinal *tudo é leitura*. Ou seja, há a percepção de que não é na escola que acontece o primeiro contato com a linguagem escrita e que, portanto, a criança não pode ser considerada uma *tabula rasa*, pressuposto que orientava muitos procedimentos de ensino em tempos idos. Interessante observar nas respostas que, ao fazerem referência a esses conhecimentos prévios que as crianças já trazem sobre a escrita, há, também, a associação com diferentes gêneros textuais:

[...] eles já têm a noção do que é uma letra, onde é usada, que essa pode existir no nome deles, pode existir no nome da mãe, no nome do pai, no rótulo do refrigerante que eles mais gostam, né, ou no texto da receita da vó. (Luísa)

A referência ao *trabalho envolvendo gêneros textuais* foi bastante recorrente nas respostas das professoras em diferentes momentos do questionário e da entrevista. Ao abordar a questão de como a leitura é trabalhada com as crianças, a maior recorrência apontada pelas professoras é a leitura de livros e de textos dos mais variados gêneros (poemas, receitas, parlendas, quadrinhas, bilhetes, informativos):

A leitura é explorada através de textos informativos (pesquisas), gêneros textuais diversificados, ao trabalhar com música, construção de cartas, convites, leitura e manuseio de histórias. (P 1)

**Contemplam, assim, um dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da criança propostos na BNCC: “selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações” (BRASIL, 2017, p. 50).**

**As professoras utilizam materiais que estão inseridos na rotina da criança e, dependendo como interagem e medeiam suas práticas, podem levar a turma a desenvolver ainda mais a curiosidade pela leitura e a escrita, como perceber também as funções sociais experienciadas em uma sociedade letrada. P 93, ao descrever o desenvolvimento de um dado projeto, indica a sua percepção de letramento, marcada em uma sequência de atividades envolvendo gêneros o mais próximo possível de seus usos nas práticas sociais:**

No desenvolvimento do projeto “Era uma Vez” que surgiu a partir do interesse das crianças pelas histórias infantis contadas pelas professoras. Proporcionamos várias situações em que as crianças vivenciaram o letramento, como por exemplo, no recebimento de uma carta enviada pela dona Bruxa da história João e Maria, que lemos e escrevemos uma carta resposta. Na leitura da receita de pão contida na carta e exposta em cartaz na sala, na elaboração de um caderno de receitas com as receitas de comidas que as crianças mais gostam. (P 93)

**A diversidade de gêneros parece, assim, se configurar como uma espécie de indicativo para o trabalho na perspectiva do letramento, para a inserção da criança no mundo da escrita, como afirmado por P1:**

O letramento se preocupa com a função social do ler e do escrever, introduzindo as crianças nas práticas sociais de leitura e escrita ao explorar os diversos gêneros textuais. (P 1)

Interessante observar, em algumas respostas, a indicação de gêneros de diferentes esferas, incluindo-se aqueles mais familiares ao espaço escolar, especialmente o espaço da Educação Infantil. Sobre materiais usados para atividades de leitura, Cissa responde:

Livros de leitura infantil, poemas, versinhos, trava línguas, adivinhas, crachás com nomes, receitas, alfabeto móvel, jornal, letra de músicas, textos de regras de jogos e demais portadores de texto que sejam necessários.

Crachás e alfabeto móvel são materiais muito presentes no contexto da Educação Infantil. Ao lado deles, convivem letras de músicas e textos de regras de jogos, que têm uma existência para além dos muros da escola. Ainda que crachás também a tenham, na Educação Infantil cumprem a função de introduzir as crianças nas letras dos seus nomes, muito mais do que possibilitar a sua identificação. Brandão e Rosa (2018, p. 36) fazem referência ao modo como as crianças se comportam nas interações com materiais escritos, imitando o adulto: “[...] repetindo gestos, propondo brincadeiras com livros, ensaiando ser contadoras e leitoras de histórias”.

Se a intenção é a inserção da criança no universo da escrita, não há como fazê-lo somente mediante o *contato* e o *manuseio* com gêneros exclusivos do ambiente escolar. Contudo, ao adentrarem tal espaço, gêneros de outras esferas (*poemas, versinhos, receitas, jornal* etc.) acabam sendo escolarizados, ou seja, servindo a algum outro propósito para além daquele que lhe seria original: pouco provável que as crianças façam a leitura de um jornal para saber dos últimos acontecimentos. Por mais que se tente escapar da escolarização de tudo o que entra na escola, ela é praticamente inevitável. A escola é espaço de aprendizagem, não a reprodução do que acontece fora dela. É espaço para a familiarização do que circula na sociedade, para a observação crítica dos modos como a escrita se distribui na sociedade, para o reconhecimento das possibilidades que a inserção no mundo da escrita cria em diferentes esferas da vida (BUNZEN *In* VÓVIO; SITO & DE GRANDE, 2010). Se convivemos em uma sociedade grafocêntrica, adultos e crianças estão em contato com o letramento nas diversas situações do dia a dia: “[...] vivendo

em sociedades letradas, tanto os sujeitos escolarizados quanto os não escolarizados são afetados de alguma forma pelo fenômeno letramento” (GOULART, 2006, p. 457).

Nesse sentido, a escolarização de gêneros de outras esferas no espaço escolar se justifica a partir de ações planejadas com vistas a um objetivo a ser alcançado:

Letramento está desde a rotina com a chamada e combinados, cardápios, leitura de rótulos, materiais como: cartazes de informação, caderno de recados, jornais, revistas e gibis, porém, tudo isso somente faz sentido quando planejado e direcionado no planejamento de maneira lúdica. (P 68)

Muito interessante observar o modo como P 68 tenta explicar o letramento: o letramento *está* (acontece?) em várias atividades envolvendo diferentes gêneros; contudo, *tudo isso somente faz sentido quando planejado*. Expressões como *tudo* e *somente* indicam a percepção que a professora tem do letramento como algo que não se dá no espontaneísmo, no vale tudo; ela condiciona o sentido das atividades ao seu devido planejamento e não se esquece do âmbito da Educação Infantil: *planejamento de maneira lúdica*. Portanto, o letramento é visto como uma perspectiva para o trabalho do professor, para o trabalho na escola.

A intencionalidade das ações pedagógicas permeia também a resposta de P 114, ao indicar o modo como trabalha com a leitura com as suas crianças:

Seleciono bons livros, para contar às crianças diariamente e em diversos espaços da escola. Procuo também contar histórias de acordo com os projetos que as crianças estão envolvidas, como portadores de textos reais. Envolve as crianças com perguntas, apresento imagens, mudo o tom de voz, leio o nome do autor, ilustrador... Após a leitura há uma reflexão compartilhada de opiniões sobre as histórias contadas.

Ainda que a diversidade de gêneros não se faça tão presente em sua resposta, e que P 114 tenha focalizado muito na leitura de livros, ela o faz com planejamento, desde a seleção dos livros

(bons), até a articulação da ação com outras ações que acontecem na escola: *contar histórias de acordo com os projetos que as crianças estão envolvidas*. Ao adjetivar os textos como *reais*, dá indícios de sua percepção de que a leitura de um texto literário deve ser envolvente como seria se feita fora do espaço escolar. Na verdade, depreende-se tratar-se de um texto literário pelas expressões que se seguem: *Envolve, leio o nome do autor, ilustrador, finalizando com histórias contadas*. São estratégias de leitura que promovem o letramento literário das crianças.

De alguma forma, as professoras parecem perceber que o trabalho com variados gêneros, feito de forma planejada, possibilita a inserção das crianças no universo da escrita, salvaguardadas as características da Educação Infantil. A fala de Bianca serve para sintetizar tais percepções:

[...] elas querem vivenciar a cultura escrita né, e a leitura. Então eu vejo assim que... que de forma espontânea elas assumem esse papel de cidadão letrado quando elas tentam ler um livrinho pelas imagens, quando elas brincam com as letrinhas que a gente tem pela sala, com as historinhas, quando elas criam narrativas dentro das brincadeiras delas, ou quando né, elas contam, relatam coisa da vida delas.

Contudo, uma mesma diversidade de gêneros pode ser empregada para um contato inicial com a escrita, não vista em sua função social, mas como *um sistema de símbolos* cuja aprendizagem se encontra iminente para a criança:

Letramento é a forma que trabalhamos na Educação Infantil, as crianças mantêm o contato com as letras, palavras através de rótulos, livros infantis, revistas, jornais, placas, símbolos. (P 7)

P 7 explica o letramento como o contato com letras e palavras, levantando a suspeita de certo apego ao segmento *letra* na composição da palavra *letramento*. E generaliza este contato como *a forma que trabalhamos na Educação Infantil*. A indicação de um trabalho com variados gêneros parece se configurar como uma resposta aparentemente satisfatória à questão sobre o que

é letramento, uma vez que quase sempre, ao se trabalhar com a noção de letramento, há a associação ao trabalho com variados gêneros. Contudo, há de se refletir sobre como se dá este trabalho. Certamente que o contato com letras e palavras de rótulos e revistas é uma forma de trabalho com a escrita na Educação Infantil, mas não, necessariamente, de trabalho na perspectiva do letramento. A resposta de P7 parece apontar para um trabalho que pretende fazer a criança perceber que a escrita, aqui representada pelos seus elementos mais básicos – letras e palavras -, é algo presente no seu cotidiano, nas coisas mais fundamentais como o seu nome e o nome dos pais (como já apontado por Luísa, em excerto anteriormente discutido), ou em materiais mais banais, como rótulos e receitas.

Atividades envolvendo o nome próprio das crianças e nome<sup>7</sup> dos colegas (leitura dos nomes, reconhecimento de crachás, reconhecimento das letras, recorte de letras do nome) foram bastante recorrentes quando as professoras foram questionadas sobre as atividades envolvendo a escrita. A elaboração de listas, textos coletivos e cartazes também são enfatizadas. Ao reconhecer seu nome, a criança começa a comparar com o nome de outros colegas, dos demais familiares e inicia a observação de palavras que apresentam as letras contidas em seu nome. O nome é a primeira forma da constituição identitária de um sujeito no mundo. Em uma sociedade letrada, é o reconhecimento de si. Castro e Coelho (2010, p.83) asseguram que:

Uma forma de inserção das crianças de educação infantil no mundo letrado se dá através da aprendizagem do próprio nome, do qual decorrem vários tipos de trabalho, como, por exemplo, levar a criança a comparar e relacionar a escrita do seu nome com a dos colegas. Outra maneira é levar as crianças a separarem os nomes de meninos e meninas, ou até mesmo encontrarem um determinado nome em listas.

**O trabalho com os nomes talvez seja o indício da percepção das professoras quanto a uma porta de ingresso no mundo da escrita, início possível de um trabalho na perspectiva do letramento das crianças. Afinal, quando se inicia o processo de letramento das**

7 O nome está sendo aqui considerado como um gênero porque, neste contexto, ele compõe o texto de um crachá. Cumpre, portanto, uma função enunciativa.

pessoas? Há, de fato, um início? No contexto da Educação Infantil, se conscientes desta perspectiva de trabalho, as professoras precisam propor atividades levando em consideração as crianças com quem trabalham. Precisam, portanto, fazer escolhas quanto a materiais e formas de abordá-los. Optar pelo contato com letras em diferentes portadores de texto de diferentes gêneros é, sem dúvida, uma escolha possível.

Entretanto, este contato com a escrita, na Educação Infantil, em algumas respostas apresenta-se especificado:

Na Educação Infantil é visualizar e manipular ludicamente através do uso do crachá, calendário diário, mural do ajudante, combinados, entre outros. A criança espontaneamente observa o mundo letrado que existe na sala e fora dela. (P 24)

Seria o contato que temos com a escrita antes da alfabetização. Em muitas situações a criança manipula livros, jornais, escreve recados, cada qual tem uma função distinta, seria essa compreensão. (P 44)

Mais que uma simples apresentação ao universo da escrita, as crianças visualizam e manipulam portadores de texto, conferindo significativa proximidade com a escrita. Ao especificar *Na Educação Infantil*, P 24 marca o modo como o letramento, em sua percepção, ganha especificidade neste nível: *ludicamente* e *espontaneamente*, para observar o *mundo letrado*, dentro e fora da sala de aula. Ao indicar o espaço *fora* da sala de aula, P 24 percebe que o letramento não se limita ao que acontece no contexto escolar, reforçado, de certa forma, quando P 44 expressa o *contato [...] com a escrita antes da alfabetização*.

Entre as *especificidades* que marcam a inserção da criança no mundo da escrita, apontadas por P 24, está a questão do lúdico, já mencionada por Bianca (um pouco antes): *elas brincam com as letrinhas e dentro das brincadeiras delas...* imitam o adulto (Vygotsky, 2001) que se encontra envolvido com coisas ligadas à escrita: *assumem esse papel de cidadão letrado*. Muito interessante a associação que Bianca faz entre cidadão e letrado, e em seguida com o ato de ler, isso tudo sintetizado na palavra *papel*, ou melhor,

*esse papel. Ou seja, ler é tarefa a ser desempenhada pelos cidadãos, mas cidadãos letrados! De acordo com Kishimoto (2010, p. 31), é “[...] por meio do faz de conta que as crianças assumem papéis de pais, vendedor, super-herói, criam diálogos a partir de guias metacognitivos, que desenvolvem a oralidade”. Não é o brincar só por brincar, e sim o brincar permeado de intencionalidade, que assegure à criança participar de experiências de aprendizagens diversificadas, sendo o papel do professor imprescindível para ampliar o acesso das crianças ao universo letrado através da ludicidade.*

Também a curiosidade característica das crianças, o que não exclui a escrita, orienta a percepção das professoras acerca do trabalho na perspectiva do letramento:

As crianças sentem necessidade em alguns momentos de realizar a escrita, por vezes em cartões de aniversário, nas placas de identificação de nossa horta. Algumas crianças se sentem à vontade para tal. (P 34)

P 34, quando menciona que *as crianças sentem necessidade em alguns momentos de realizar a escrita*, mostra a curiosidade delas em relação à escrita. Esta criança, que já convive em uma sociedade letrada, quer agora participar escrevendo seu próprio cartão ou informação para que possa ser apreciado por outras pessoas.

O trabalho com a escrita parece estar mesmo presente para a maioria das professoras participantes da pesquisa. Ao serem questionadas se a escrita já é abordada com as crianças, fica evidente que o trabalho com a escrita é abordado por 119 professoras:

De uma forma natural, respeitando o ritmo de aprendizagem e interesse de cada criança. A partir de brincadeiras com letras, palavras, incentivando-as a perceberem as letras de seu nome. (Pauline)

No contexto do que é trabalhado, sem enfatizar a alfabetização, mas com intuito de perceberem onde se emprega a escrita. (P 113)

A preocupação com o uso da escrita fica evidenciada na resposta de P 113, demarcada no objetivo que aponta para o trabalho com a escrita: *intuito de perceberem onde se emprega a escrita*. Chama a atenção, contudo, a expressão *sem enfatizar a*

**alfabetização, dando à resposta certa modelagem dialética: sem... com.** A alfabetização está presente, mas não é enfatizada. Nesta e em outras respostas é perceptível a preocupação das professoras com certos direcionamentos que intentam promover a alfabetização, a aquisição do sistema de escrita, o que se lhes configura como *desafio*:

É... na Educação Infantil, muitos pais, inclusive na primeira... na primeira reunião, no início, eles já acham, assim, que a criança vai chegar no Segundo Período porque o ano que vem já vai para a primeira série, ela já vai sair daqui alfabetizada, e aí ela já vai sair daqui lendo e escrevendo. (Larissa)

É um desafio, porque... a gente não tem, né, no caso, a obrigação de que eles saiam daqui alfabetizados, né? Só que a gente não pode mandá-los crus para o primeiro ano. (Cristina)

Enquanto Larissa atribui aos pais a expectativa de que as crianças já saiam *lendo e escrevendo do Segundo Período para ingressarem na primeira série*<sup>8</sup>, Cristina direciona esta atribuição para os professores, para a gente. Qual a dimensão da palavra *crus* empregada por ela? O quanto a criança deveria saber sobre a escrita para ser considerada como *não crua*? Talvez a resposta de Bianca seja um indicativo de possíveis respostas a estes questionamentos:

No geral, eu acho que é conseguir fazer a criança pensar sobre esse mundo, né, e criar seus conceitos sobre ele. E depois, claro, né, principalmente pra essa idade que a gente está tratando aqui, é... ajudar ela a se apropriar da cultura escrita, né. Que daí é um papel mais curricular da escola fazer isso, ela entender pra que que ela vai aprender a escrever, como ela pode escrever, né, das várias formas que tem, como ela pode expressar essas ideias e a própria criação delas, né, sobre esses conceitos.

**A Educação Infantil precisa possibilitar o contato com a leitura e a escrita para que a criança perceba que eles têm uma função social,**

8 Embora a professora faça uso do termo 'série', está se referindo ao 1º ano do Ensino Fundamental.

para que conheça onde e como podem ser utilizadas e comece a utilizá-las a fim de elaborar conhecimentos participando ativamente desse processo; mas isso não significa alfabetizar na Educação Infantil. Como enfatiza Araújo (2017, p. 350): “Não se trata, [...], nem de acelerar e antecipar o trabalho pedagógico do 1º ano para a Educação Infantil, nem de negligenciar o trabalho com a escrita e a leitura com os menores de seis anos”. É bastante claro o que Araújo propõe; contudo, no cotidiano do fazer pedagógico, os limites nem sempre são nítidos, o que ficou evidenciado em algumas respostas. As professoras não têm a clareza de até onde podem avançar com as atividades; há dúvidas sobre o que é pertinente ou não na educação infantil, como avançar e até onde se pode chegar no que se refere às questões de leitura e de escrita.

Muitas vezes esta falta de clareza pode estar relacionada a certa incompreensão dos conceitos de alfabetização e letramento, o que impacta no fazer docente. Para 43 professoras participantes, os conceitos de alfabetização e letramento se confundem: as professoras fazem atribuição à leitura e à escrita, não diferenciando as especificidades de cada processo, deixando evidente que o conceito de letramento ainda é pouco compreendido por elas, como se pode observar em algumas respostas ao questionário:

Penso que é o ato de aprender a ler e a escrever. (P 14)

É o domínio da leitura e escrita. (P 19)

Letramento é o resultado de um processo no qual você ensina ou aprende a ler e escrever. (P 69)

Letramento é a decodificação das letras. (P 91)

Termos como *ato de aprender*, *domínio*, *ensinar ou aprender* e *decodificação* remetem a definições bastante objetivas do que seja alfabetizar ou alfabetização. Tais respostas à proposta de explicitarem o que compreendem por letramento indicam que não há familiaridade com o conceito, mesmo aquele mais rapidamente associado a letramento, quando se associa com as práticas sociais com a escrita, sem entrar em qualquer espécie de aprofundamento teórico. Vale indagar sobre quais seriam as atividades propostas por estas professoras no que se refere à escrita. Já estariam direcionadas

à compreensão de como funciona o sistema de escrita da língua? Por outro lado, é-nos permitido acreditar que a falta de domínio de determinado conceito se reflete nos direcionamentos dados às atividades?

Nesse sentido, a fala de Bianca, a seguir, incita à reflexão:

Eu acho que, mesmo que não se queira trabalhar o letramento, ele está inserido, está incorporado, né, eu acho que não existe nenhuma educação sem letramento, né, sem compreender esse mundo e sem expressar o que a gente entende. Então, assim, de forma geral, eu acho que é impossível, né... ser professor e ser aluno sem estar envolvido no letramento.

As vivências e práticas junto à Educação Infantil apontam que *é impossível, né... ser professor e ser aluno sem estar envolvido no letramento, pois estamos envolvidos com "[...] todos os diferentes letramentos praticados na comunidade, em casa e no local de trabalho [...]"* (STREET, 2014, p. 121), ainda que nem todos os letramentos sejam considerados com a mesma intensidade. Ou, talvez, sejam reconhecidos como tal. É preciso compreender que a criança já faz parte desse mundo letrado, e o contato com a leitura e a escrita nessa etapa ampliará as possibilidades de interação dela com o mundo:

É preciso finalmente considerar que a leitura e a escrita não devem fazer parte do currículo da Educação Infantil como uma disciplina isolada, mas sim integrar projetos de trabalho em que as crianças estão envolvidas, bem como entrar nas atividades de sua rotina no ambiente educativo [...]. (BRANDÃO e LEAL, 2018, p. 30)

Encerramos esta seção de análise com a convicção da professora Pauline de que *'[...] a linguagem oral e escrita, o letramento e a alfabetização estão incluídos em tudo [...]'*. Com seus 24 anos de trabalho na educação infantil, fala de práticas ancoradas em conceitos. Nas questões respondidas durante a entrevista, define letramento e alfabetização, afirmando que os dois caminham juntos. Afirma que realizou várias leituras sobre o tema para compreender realmente como trabalhar na perspectiva do letramento. Faz leituras constantes sobre o tema e percebe a grande evolução do próprio

trabalho e do trabalho da rede Municipal nesta direção. Esse 'em tudo né' soa como algo complexo: tudo ... tudo o quê? Mas, ouvindo a Professora Pauline relatar suas práticas, vivências e experiências, é possível perceber que seu trabalho é revestido de intencionalidade, um fazer com um propósito, o de "[...] aproximar as crianças da leitura e da escrita em um contexto funcional e significativo para elas [...]" (BRANDÃO e LEAL, 2018, p. 23).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mente o objetivo de discutir percepções de professores sobre a inserção da criança no mundo da escrita, foram analisados dados obtidos por meio de questionários e entrevistas, envolvendo 120 professoras de crianças de 5 anos a 5 anos, 11 meses e 29 dias (Segundo Período da Educação Infantil), de uma rede de educação de um município de Santa Catarina. Nas respostas foram buscados indícios das percepções dessas professoras sobre o trabalho na perspectiva do letramento, especialmente quando faziam menção às atividades de leitura e de escrita promovidas com suas turmas e quando lhes foi solicitado explicitar sua compreensão acerca do letramento.

Muitas professoras fizeram referência à necessidade de a criança reconhecer a função social da escrita, enxergando-a no seu cotidiano, como algo presente nos ambientes em que circula. Ao enfatizar a questão social, as professoras demonstram perceber a escrita como inerente à vida da sociedade, e que é fundamental que as crianças sejam inseridas neste contexto. Na verdade, reconhecem que as crianças, de fato, já trazem experiências com a escrita, vivenciadas em espaços distintos do espaço escolar. Tais experiências são levadas em consideração no momento de fazer o planejamento das atividades, funcionando como um andaime para a ampliação do contato com escritas diversas, formatadas em gêneros textuais.

O uso dos gêneros textuais se fez recorrente nas respostas das professoras. Parece haver a percepção de que o trabalho na perspectiva do letramento envolve, necessariamente, o trabalho com variados gêneros. Ainda que se tenha que levar em conta que os gêneros, ao adentrarem o espaço escolar, adquirem a marca inevitável da escolarização e sua necessária sistematização, são construtos sociais que têm circulação real na vida fora da escola. No

mínimo, sua presença na Educação Infantil alivia o estranhamento que poderiam causar se ali não estivessem. Ademais, dado o caráter lúdico que marca as atividades neste nível de ensino, há sempre a possibilidade de os gêneros textuais se aproximarem do seu uso efetivo nas criativas brincadeiras de faz-de-conta, quando as crianças imitam os adultos.

Contudo, também puderam ser apreendidas percepções de escrita como um sistema de símbolos, passíveis de serem encontrados em textos de diferentes gêneros. Ainda que os gêneros estejam presentes, funcionam apenas como um portador de letras, sílabas e palavras, sem uma dimensão discursiva. Não há como negar que ocorre a inserção da criança no mundo da escrita, mas escrita aqui compreendida como um conjunto de símbolos a serem decodificados. Um conjunto asséptico de sentidos, que nada informa sobre o caráter social da escrita.

Também há percepção de que um trabalho na perspectiva do letramento precisa levar em consideração as especificidades da Educação Infantil, como a ludicidade e a curiosidade típica da criança pequena. Assim, as atividades propostas não podem ignorar tais aspectos, sob a pena de produzirem nas crianças o afastamento de tudo que se refere à escrita, associada, em muitos casos, com coisas pouco interessantes que são típicas da escola. A inserção da criança no mundo da escrita deve caracterizar-se como um momento de desvelamento de possibilidades infinitas de acesso a um universo que se constitui no amálgama de letras, fonemas, frases, textos, discursos, tudo atravessado pela necessária produção de algum sentido.

Contudo, também há a dúvida sobre até onde chegar no processo de aquisição da escrita, talvez produzida por uma percepção confusa do que seja alfabetização e letramento, talvez reforçada pelo anseio de pais em verem seus filhos lendo. Aqui pode ser apontada uma significativa contribuição do presente estudo: o reconhecimento de que as professoras da Educação Infantil já possuem percepções claras acerca do que seja trabalhar na perspectiva do letramento. Mas, ao mesmo tempo, ficou evidenciada a necessidade de a rede de educação proporcionar momentos de discussão para as professoras deste nível de ensino, nos quais elas possam explicitar as dúvidas ainda existentes acerca de como realizar este trabalho.

Para além das percepções apreendidas das respostas ao questionário e à entrevista, valeria a pena verificar como elas

ganham corporeidade nas práticas pedagógicas dessas professoras. Pesquisas de cunho etnográfico poderiam deixar mais nítidas as percepções aqui delineadas. Afinal, trabalhar na perspectiva do letramento implica reconhecer que é em práticas sociais que a escrita ganha sentido e que tais práticas precisam adentrar o espaço escolar, ainda que de forma lúdica, como é o espaço da Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L.C. de. Ler, escrever e brincar na Educação Infantil: uma dicotomia mal colocada. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 24, mai/ago 2017, p. 344-361.
- BRANDÃO, A. C. P. & LEAL, T. F. Alfabetizar e letrar na educação infantil. *In*: BRANDÃO, A.C.P. & ROSA, E.C. de S. (Org.). **Ler e escrever na educação infantil**: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-32.
- BRANDÃO, A. C. P. & ROSA, E. C. de S. Entrando na roda: as histórias na educação infantil. *In*: BRANDÃO, A.C.P. & ROSA, E.C. de S. (Org.) 2.ed. **Ler e escrever na educação infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p.33-52.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SED, 2017.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.
- BUNZEN, C. Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural. *In*: VÓVIO, C., SITO, L. & DE GRANDE, P. (Org.). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.
- CASTRO, M.; COELHO, S. O processo de letramento na Educação Infantil. **Pedagogia em Ação**, v. 2, n. 2, p.79-85, nov. 2010.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 4 ed. Brasília, Liber livros, 2012.
- GATTI, B. & ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. *In*: W. WELLER; N. PFAFF. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação teoria e prática**. Petrópolis, Vozes, 2011. p. 29-51.
- HEINZ, D. & KOERNER, R. M. O letramento para os professores alfabetizadores: concepções e saberes dos docentes. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.16, n.1, p. 39-62, jan./jun. 2013.
- JOINVILLE, SC. **Diretriz Municipal de Educação Infantil**. Parecer 041/2019/CME. 2019.
- KISHIMOTO. T. M. Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, n. 1, p. 18-36, 2010.

KLEIMAN, A.B. Projeto de letramento na Educação Infantil. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, UNITAU. v. 1, n. 1, p. 1-10, 2009.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R; CORSINO. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 37 (1) p. 69-85. 2011.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed., São Paulo, Contexto, 2018.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VIGOTSKI, L. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. *In*: **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Submetido em 13 de janeiro de 2021

Aceito em 04 de fevereiro de 2021

Publicado em 22 de março de 2021

